

Vidas em tela: migração, plataformas digitais e a imaginação transnacional

- Experiências brasileiras na Inglaterra

Letícia de Luca Torres
(UFSCar/ São Carlos, Brasil)¹

Palavras-chaves: Migração brasileira; plataformas digitais; YouTube; etnografia do digital.

RESUMO

Este projeto de pesquisa visa analisar como imigrantes brasileiros em Londres utilizam plataformas digitais, com ênfase no YouTube, para narrar suas experiências, estruturar redes de apoio e produzir significados sobre pertencimento e identidade em um contexto marcado pelas transformações políticas do Brexit. A pesquisa fundamenta-se na hipótese de que o migrante contemporâneo constitui-se como um sujeito híbrido, ou "ciborgue social", que habita simultaneamente espaços físicos e digitais, tornando a mediação tecnológica inseparável da vida cotidiana.

A metodologia propõe uma etnografia digital articulada ao trabalho de campo face a face em Londres, cidade que abriga a maior comunidade brasileira na Inglaterra, estimada em 190.000 pessoas. Através da observação de canais de YouTube e entrevistas semiestruturadas, pretende-se investigar como essas plataformas operam como dispositivos pedagógicos, afetivos e políticos. O estudo busca mapear como o conteúdo produzido por influenciadores imigrantes oferece orientações práticas e suporte emocional, ao mesmo tempo em que estabelece gramáticas de "sucesso" e "fracasso" no exterior.

A pesquisa também tem como objetivo examinar as tensões entre a agência do sujeito e os mecanismos de vigilância, controle e captura algorítmica. Buscando analisar, ainda, os impactos do endurecimento das políticas migratórias britânicas e como os marcadores sociais de diferença, como gênero e classe, influenciam as estratégias de regularização e a reconfiguração das redes de solidariedade. Ao tratar o ambiente digital como um território densamente social, o trabalho dialoga com conceitos de transnacionalismo e "campos sociais transnacionais", onde o YouTube emerge como uma arena pública e arquivo da experiência diaspórica. Assim, a pesquisa contribui para o debate antropológico sobre migração e tecnologia, iluminando as ambivalências da presença digital e a vulnerabilidade do corpo

¹Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026)

migrante em território estrangeiro frente aos regimes de imaginação coletiva contemporâneos.

INTRODUÇÃO

A migração é um fenômeno complexo, atravessado por forças históricas, políticas, afetivas e tecnológicas. No caso brasileiro, a emigração internacional cresceu significativamente nas últimas décadas. Em 2019, o Brasil subiu do 26º para o 17º lugar entre os países que mais enviam imigrantes para nações ricas². Mesmo com crises como a pandemia da COVID-19, o fluxo não diminuiu e em 2023, Londres reunia cerca de 190 mil brasileiros, sendo a quinta maior comunidade brasileira fora do país.³

Esse movimento, porém, não se resume a uma transição linear entre saída e chegada, os projetos migratórios são plurilocais e transnacionais, estruturados em redes que conectam os migrantes a múltiplos espaços. As redes de apoio, antes baseadas em laços familiares e associativos, são agora mediadas por plataformas online e segundo Diminescu (2008), essas tecnologias permitem a manutenção de vínculos à distância e a construção de novas territorialidades simbólicas. O YouTube, por exemplo, tornou-se arena afetiva e pedagógica, influenciando decisões práticas e formas de autoimagem dos migrantes brasileiros (Torres, 2025).

Dessa forma, parte-se da hipótese de que os imigrantes brasileiros atuais se constituem como sujeitos híbridos, articulando culturas, práticas digitais e experiências transnacionais. Essa hibridez é um dado etnográfico: os migrantes habitam simultaneamente espaços físicos e simbólicos, reinventando-se entre o local e o global. Essa concepção dialoga com a figura do "ciborgue social", de Haraway (2017 [1985]): o migrante digital é constituído por interfaces entre o biológico e o tecnológico, o vivido e o mediado. Como o ciborgue, o migrante conectado negocia pertencimentos instáveis e múltiplas performances identitárias, mediadas por redes e algoritmos. Nesse contexto, a imaginação social, conforme Appadurai (2001), torna-se central. Longe de ser privada, ela é um campo coletivo estruturado por tecnologias e fluxos de afetos, ideias e imagens. As plataformas digitais funcionam como infraestruturas da

²BBC NEWS. Brasil sobe em ranking de países que mais enviam imigrantes para nações ricas. *BBC News Brasil*, 18 set. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-49731607#:~:text=O%20primeiro%20no%20ranking%20%C3%A9,OCDE%2C%20majoritariamente%20nos%20Estados%20Unidos.>

³BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Secretaria de Comunidades Brasileiras e Assuntos Consulares e Jurídicos. *Comunidades brasileiras no exterior: ano-base 2023*. Brasília: MRE, jul. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/portal-consular/BrasileirosnoExterior2023.pdf>.

imaginação, onde os migrantes projetam futuros, constroem repertórios de pertencimento e performam suas experiências.

Os vídeos no YouTube ganham, assim, relevância analítica: são representações de mundos possíveis e dispositivos de orientação emocional e prática. Neles, imigrantes brasileiros narram vivências, constroem imagens de sucesso ou fracasso, compartilham afetos e estratégias (Silva, A. V., Araujo P., F. D., & Assis, G. d. O, 2025; Torres, 2025). Analisar esse conteúdo permite compreender os regimes de imaginação coletiva em torno da imigração brasileira contemporânea, bem como práticas digitais dessa comunidade, seus usos e desusos, e articulações. Entretanto, não se deve romantizar as plataformas digitais. Embora ofereçam espaços de troca e acolhimento, também operam como dispositivos de vigilância. Governos e instituições monitoram comportamentos e impõem condutas⁴. Como argumenta Da Empoli (2019), algoritmos voltados ao consumo foram convertidos em ferramentas políticas, capazes de rastrear afetos e consolidar formas de poder sob aparência de interatividade.

Diante disso, este projeto de pesquisa visa investigar como plataformas digitais, com foco no YouTube, são apropriadas por brasileiros que migraram para a Inglaterra, mais especificamente para Londres. O objetivo é compreender como esses espaços funcionam como dispositivos pedagógicos, afetivos e políticos, moldando expectativas, pertencimentos e formas de vida (Torres, 2025). A abordagem metodológica será inspirada na etnografia do digital (Segata & Rifiotis, 2016), com análise de canais do YouTube mantidos por brasileiros em Londres e outras plataformas, caso a pesquisa demande. Serão combinadas observação online, análise audiovisual e entrevistas semiestruturadas, além de um trabalho de campo previsto no cronograma⁵ para confrontar narrativas digitais com experiências offline. Entende-se que investigar o uso das plataformas é também examinar suas contradições e limites. Como aponta Hall (2003), trata-se de compreender como sujeitos diaspóricos negociam sua posição entre práticas culturais híbridas e discursos ambivalentes. Ao iluminar essas tensões, a pesquisa contribui para os debates da Antropologia das Migrações e do Digital, examinando como a experiência migratória brasileira se configura na intersecção entre deslocamento físico e presença digital, entre o desejo de pertencimento e os mecanismos de vigilância. Em suma, busca-se compreender como brasileiros em Londres, na Inglaterra, vivem, narram e imaginam suas travessias em redes técnicas, simbólicas e afetivas.

⁴ O GLOBO. EUA exigem que estudantes deixem as redes sociais públicas para a concessão de visto. *O Globo*, 19 jun. 2025. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2025/06/19/eua-exigem-que-estudantes-deixem-as-redes-sociais-publicas-para-a-concessao-de-visto.ghtml>.

⁵ Número do processo da BEPE/FAPESP: 2026/03497-3

BRASILEIROS EM LONDRES

Apesar de abrigar a quinta maior comunidade brasileira no exterior⁶ Londres ainda é tema de poucos trabalhos acadêmicos quando comparada aos Estados Unidos ou a Portugal. Diante disso, esta pesquisa toma a capital inglesa como *locus* privilegiado de análise, sem descartar, contudo, outras regiões da Inglaterra que possam se mostrar relevantes no decorrer da pesquisa.

Londres se configura como um espaço dinâmico e multifacetado para a compreensão das trajetórias migratórias brasileiras. A cidade abriga a maior comunidade brasileira do Reino Unido e revela dinâmicas em constante transformação (Evans, 2010). Embora muitos migrantes partam com planos de retorno ao Brasil após alguns anos de trabalho, observa-se uma reformulação gradual desses projetos. Como apontam Martins Junior e Dias (2013), vínculos sociais, acesso a bens de consumo e experiências cotidianas na metrópole contribuem para a redefinição de objetivos e a ressignificação da permanência. O projeto migratório, inicialmente estruturado em torno da lógica do “trabalhar e voltar”, torna-se mais fluido, situado entre o desejo de retorno e a adesão, parcial ou definitiva, à vida londrina.

Essa ambivalência identitária é aprofundada por Dias (2009), que, a partir de pesquisa etnográfica, propõe a articulação entre três esferas na experiência do migrante: a Casa, espaço de acolhimento e preservação cultural; a Rua, lugar do trabalho, da vigilância e do confronto com a alteridade; e os Pedacos e Trajetos, percursos simbólicos e afetivos entre trabalho, moradia e lazer. Esses espaços traduzem os desafios de adaptação em um contexto urbano marcado por tensões sociais e processos de exclusão, mas também por resistência e reinvenção. Ser brasileiro em Londres, assim, revela-se como um processo aberto, permeado por negociações identitárias e práticas cotidianas de pertencimento.

A territorialização dessa comunidade é um dos elementos centrais para se compreender a construção desse pertencimento. Estudos de Evans et al. (2011) e Batarce (2016) identificam bairros como Brent, Bayswater, Stockwell, Lambeth e Southwark como redutos da população brasileira, revelando padrões marcantes de concentração territorial. Nesses locais, a presença brasileira se manifesta por meio de uma rede de estabelecimentos, como mercearias, salões de beleza, restaurantes, casas de envio de remessas, que recriam práticas e signos da vida cotidiana no Brasil, sobretudo por meio da alimentação (Batarce,

⁶BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Secretaria de Comunidades Brasileiras e Assuntos Consulares e Jurídicos. *Comunidades brasileiras no exterior: ano-base 2023*. Brasília: MRE, jul. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/porta-consular/BrasileirosnoExterior2023.pdf>.

2016). Como analisa Frangella (2010), essa expansão territorial está vinculada ao crescimento de circuitos comerciais e culturais que conectam Londres ao Brasil, alimentando um imaginário nacional que se atualiza continuamente e contribui para a coesão e também para distinções internas à própria comunidade.

Esses bairros não funcionam apenas como zonas residenciais, mas como territórios simbólicos onde se consolidam redes de apoio, práticas culturais compartilhadas e formas de identificação transnacional. Segundo Batarce (2016), distritos como Lambeth e Southwark concentram falantes de português, atraindo migrantes em busca de maior facilidade de comunicação e de um ambiente social mais acolhedor. Trata-se, portanto, de escolhas de moradia que envolvem não apenas estratégias econômicas, mas também laços afetivos, redes informais e práticas identitárias.

Nesse panorama, destaca-se a importância das redes de apoio, particularmente para mulheres brasileiras que, em muitos casos, iniciam seus trajetos migratórios pela Itália, utilizando-se da cidadania italiana como via de acesso ao passaporte europeu e, conseqüentemente, à legalização da permanência no Reino Unido (Batarce, 2016; Martins Junior; Dias, 2013). Essa estratégia revela redes transnacionais articuladas em torno da cidadania europeia, que fornecem suporte prático e simbólico para o deslocamento. Contudo, como ressalta Martins Junior (2019), essas redes estão atravessadas por hierarquias de gênero, classe e raça, que frequentemente reproduzem estigmas ligados à brasilidade.

As redes de apoio, portanto, não operam em um terreno neutro. Como observa Torresan (1995), embora essenciais à inserção dos recém-chegados, oferecendo apoio na busca por moradia e trabalho, essas redes são também arenas de disputas simbólicas e políticas. Solidariedade e competição coexistem, e fatores como regionalismo, classe e gênero moldam as fronteiras do pertencimento. Nem todos os brasileiros são acolhidos da mesma forma: há desconfiança, medo da denúncia à imigração, disputas por oportunidades. Goianos, em especial, precisam lidar com o peso de estigmas que atravessam suas trajetórias em contextos de dupla opressão: pela condição migrante e pelo estigma regional (Martins Junior, 2020). Assim, os espaços de apoio também tensionam a vivência migratória, funcionando como campos de negociação identitária.

A conjuntura do Brexit adiciona novos elementos a esse cenário. A saída do Reino Unido da União Europeia comprometeu a livre circulação de cidadãos europeus e impactou diretamente os brasileiros que utilizavam o passaporte comunitário como estratégia de legalização. O novo regime de controle migratório intensificou sentimentos de instabilidade e evidenciou os limites das redes informais. Além das transformações legais, há a operação

racializada da vigilância estatal, como revela o caso de Jean Charles de Menezes, brasileiro executado por policiais britânicos em 2005. Como destaca Assis (2011), esse episódio ilustra como o controle migratório também é corporal, atravessado por estigmas raciais e preconceitos que incidem sobre a figura do migrante latino-americano.

Diante dessas mudanças, este projeto de pesquisa propõe investigar como os migrantes brasileiros têm reagido ao novo cenário: que estratégias têm se mobilizado, como suas redes estão se reconfigurando e qual o papel do YouTube nesse processo. Tal plataforma têm operado como ferramentas de informação, organização (Silva, A. V., Araujo P., F. D., & Assis, G. d. O, 2025; Torres, 2025), e suporte emocional, mas também como espaços onde se compartilham inseguranças, disputas e vulnerabilidades. Inspirada nas abordagens etnográficas de Torresan (1995), Dias (2009), e Martins Junior (2020), parte-se da premissa de que ser brasileiro em Londres é uma condição em constante negociação, heterogênea, marcada por deslocamentos físicos e simbólicos.

Ainda que esta pesquisa não se proponha a produzir dados quantitativos sistemáticos sobre a presença brasileira em Londres, Inglaterra, ela busca contribuir para preencher lacunas no entendimento dos motivos contemporâneos que impulsionam esse deslocamento, frente às constantes mudanças políticas. Ao abordar os sentidos atribuídos pelos próprios migrantes às suas experiências, práticas comunicacionais e formas de habitar o mundo, pretende-se lançar luz sobre dimensões subjetivas, tecnológicas e identitárias que reconfiguram o modo de migrar. Trata-se, assim, de compreender como redes de apoio, plataformas digitais e performances de brasilidade atravessam os projetos de vida desses sujeitos em trânsito, oferecendo subsídios para uma análise mais complexa da migração brasileira contemporânea.

PLATAFORMAS DIGITAIS - YOUTUBE

Em um cenário em que a digitalização atravessa a vida social e os fluxos migratórios são cada vez mais mediados por tecnologias, as plataformas digitais deixaram de ser meros canais de comunicação para se tornarem centrais na articulação emocional, política, econômica e simbólica da experiência migrante. No entanto, esses espaços são ambivalentes: ao mesmo tempo em que oferecem pertencimento e agência, também reforçam desigualdades e funcionam como instrumentos de controle simbólico e institucional sobre corpos, discursos e subjetividades. Essa tensão entre emancipação e vigilância exige uma análise que vá além da superfície comunicacional das plataformas, atentando aos seus usos, sentidos e contradições. A migração contemporânea, marcada por deslocamentos materiais e simbólicos, evidencia disputas em torno da produção de sentido, identidade e poder nos ambientes

digitais. A forma como migrantes brasileiros ocupam e performam esses espaços, ou mesmo a ausência de estratégias coletivas, revela lacunas importantes que a Antropologia pode explorar, analisando como esses sujeitos negociam presença digital em meio a algoritmos, desigualdades e promessas contraditórias.

Compreender essas interações digitais é acessar uma dimensão relacional e processual da migração. As plataformas digitais não apenas refletem as trajetórias migrantes, mas também as constituem. A migração atual, portanto, dificilmente poderá ser compreendida a partir de categorias fixas. Como propõe Donna Haraway (2017 [1985]), vivemos em tempos de identidades híbridas e fronteiras instáveis. No universo migratório, esse hibridismo é visível nas interações mediadas por tecnologias que constituem subjetividades, fomentando o debate acerca das identidades. No YouTube, por exemplo, imigrantes brasileiros produtores de conteúdo são situados entre a experiência vivida e performance online. Essa discussão também dialoga com Arjun Appadurai (2001), para quem a imaginação é um campo coletivo estruturado por práticas. Nas redes, imigrantes não apenas compartilham vivências, mas produzem versões de mundo e de si mesmos, em constante negociação com algoritmos e audiências.

Contudo, esse hibridismo se dá num ambiente assimétrico. As plataformas, moldadas por interesses comerciais, impõem lógicas do capital. Como aponta Da Empoli (2019), plataformas como o Facebook foram projetadas para engajamento e lucro, mas acabaram instrumentalizadas politicamente. Haraway (2017 [1985]) reforça que essas tecnologias reconfiguram corpos e subjetividades, classificando, visibilizando e controlando. Assim, as promessas de pertencimento e expressão são tensionadas por mecanismos de vigilância e exploração emocional. A figura do imigrante híbrido é também vulnerável: sua visibilidade implica captura; sua expressão, vigilância; sua narrativa, apropriação algorítmica.

Essa ambiguidade se intensifica com a lógica algorítmica, que favorece conteúdos emocionais e virais, dificultando a difusão de discursos analíticos e complexos. Como observa Da Empoli (2019, p. 22), essa lógica penaliza vozes moderadas. Para contornar isso, esta pesquisa propõe classificar os canais do YouTube observados em três níveis de engajamento: baixo, médio e alto, afim de ampliar a representatividade das experiências migratórias analisadas.

Além disso, as mesmas dinâmicas algorítmicas impulsionam discursos xenofóbicos e campanhas anti-imigrantes. O Brexit ilustra isso: mais do que um evento político, foi alimentado por campanhas digitais que manipularam afetos e desinformações. A atuação de Victoria Woodcock, como destaca Da Empoli (2019), foi crucial para o êxito dessas

estratégias. Assim, analisar perfis de imigrantes requer atenção às condições técnicas e políticas de sua visibilidade. A amostragem por níveis de engajamento visa justamente evidenciar essas assimetrias. Nesse cenário, a Inglaterra se apresenta como campo empírico relevante. Além da expressiva presença brasileira, o país concentra tensões-chave da migração digital, especialmente no contexto pós-Brexit. Esta pesquisa, portanto, propõe uma análise crítica das presenças digitais dos imigrantes brasileiros, investigando sentidos, identidades, resistências e pertencimentos que ali se articulam.

Com isso, pretende-se contribuir para os debates na Antropologia das Migrações e do Digital, refletindo sobre os rumos da vida social diante da intensificação dos deslocamentos e das mediações tecnológicas. Em um mundo moldado por algoritmos e dispositivos de controle, torna-se urgente compreender os acessos, potências e violências que atravessam esse território híbrido, onde tecnologias e subjetividades se entrelaçam de forma aparentemente inseparável.

OBJETIVOS

Esta pesquisa tem como objetivo geral compreender como brasileiros imigrantes na Inglaterra utilizam plataformas digitais, com ênfase no YouTube, para narrar suas experiências, construir redes de apoio, produzir sentidos de pertencimento e negociar identidades em um contexto marcado por transformações políticas, como o Brexit, e por intensas mediações tecnológicas. Ao investigar essas práticas comunicativas e performativas, busca-se analisar de que maneira essas plataformas operam simultaneamente como espaços de acolhimento e pertencimento, orientação pedagógica, constituição de subjetividade e resistência, mas também como dispositivos de vigilância, controle e captura algorítmica. Para alcançar esse propósito, propõem-se os seguintes objetivos específicos:

- Investigar como a experiência migratória é representada, narrada e performada em canais do YouTube produzidos por brasileiros na Inglaterra, levando em conta diferentes níveis de engajamento (baixo, médio e alto);
- Mapear as formas de apropriação do YouTube por imigrantes brasileiros como fonte de orientação prática, apoio emocional e articulação de redes de solidariedade, através dos comentários dos vídeos;
- Examinar os conteúdos produzidos por influenciadores imigrantes, identificando temas recorrentes, recursos narrativos e estratégias de engajamento da audiência;

- Buscar compreender os impactos do Brexit nas trajetórias migratórias de brasileiros residentes em Londres, com ênfase nas estratégias de regularização da permanência, reconfiguração das redes de apoio e no papel das plataformas digitais frente ao endurecimento das políticas migratórias britânicas;
- Articular práticas digitais e vivências offline a partir de uma abordagem etnográfica, integrando observação digital e trabalho de campo presencial.

Ao centrar-se na experiência dos imigrantes brasileiros em Londres, a pesquisa busca construir um panorama etnográfico e crítico que ilumine os modos como esses sujeitos vivem, narram e imaginam suas travessias no interior de redes técnicas, simbólicas e afetivas.

CRONOGRAMA

O cronograma de execução a seguir contempla um período total de 24 meses (com acréscimo de 6 meses devido a Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior (BEPE), onde a bolsa no país será interrompida), tempo correspondente ao período de mestrado da pesquisadora. A pesquisa foi financiada inicialmente pela CAPES, no período de Maio de 2025 a Outubro de 2025 (processo nº 88887.174527/2025-00), depois pela FAPESP, em Novembro e Dezembro de 2025 (processo nº 2025/20670-8) e atualmente segue com o financiamento de 16 meses da FAPESP, mas sob um novo número de processo (processo nº 2025/13609-0). O planejamento está cuidadosamente estruturado para contemplar todas as etapas necessárias, desde a revisão bibliográfica e observação digital até o trabalho de campo presencial, análise de dados e redação da dissertação. A delimitação temporal não compromete a profundidade analítica da pesquisa, uma vez que o foco empírico e metodológico já está claramente definido desde o início do processo.

Etapas	Mês 1-6	Mês 6-12	Mês 12-18	Mês 18-24	Mês 24-30
Revisão do projeto	X	X			
Revisão Bibliográfica	X	X			
Submissão FAPESP	X				
Observação etnográfica inicial			X		
Contato e agendamento com			X		

interlocutores e influenciadores					
Trabalho de campo presencial				X	
Entrevistas com imigrantes e influenciadores			X	X	X
Sistematização e transcrição dos dados etnográficos				X	X
Análise dos dados e construção interpretativa dos resultados				X	X
Escrita dos capítulos e revisão parcial					X
Redação final					X
Entrega final e defesa da tese					X

METODOLOGIA

A condução da pesquisa se ancora na compreensão de que os espaços digitais não devem ser tratados como meros complementos ao campo “real”, mas sim como campos legítimos de produção de sentido e interação social. A proposta metodológica parte da premissa de que o ambiente digital é um espaço onde práticas culturais se desenvolvem, identidades são performadas e relações sociais são forjadas. Nesse sentido, os aportes de Christine Hine (2000; 2015) são fundamentais para consolidar a perspectiva de etnografia digital adotada neste estudo. A autora propõe uma reconfiguração da noção clássica de campo etnográfico, destacando que, na contemporaneidade, as fronteiras entre online e offline tornam-se cada vez mais porosas, e que o "campo" passa a se constituir de forma relacional, fluida e distribuída entre plataformas, discursos e práticas. Assim, a etnografia não se limita a um lugar fixo ou territorializado, mas acompanha os fluxos, conexões e performances que se desenrolam em rede.

Partindo dessa perspectiva, as plataformas digitais, em especial o YouTube, serão tratadas como um ambiente socialmente denso, mais do que repositório de conteúdos. Trata-se de um espaço onde os sujeitos negociam pertencimentos, constroem vínculos e elaboram narrativas de si. Como sugere Hine (2000), fazer etnografia em ambientes mediados por

tecnologia exige não apenas a adaptação das técnicas metodológicas, mas também uma constante reflexividade sobre o papel da pesquisadora na construção do campo e na mediação dos sentidos observados. Isso implica acompanhar os deslocamentos dos interlocutores entre diferentes plataformas e reconhecer que os dados emergem tanto dos vídeos quanto das interações que se formam em torno deles, como comentários, reações, silêncios e ausências. Essa abordagem possibilita apreender as dinâmicas de produção de sentido em meio aos regimes de visibilidade e controle próprios do ecossistema digital.

A presente pesquisa, portanto, adota como eixo metodológico central a etnografia digital, tal como formulada por Segata & Rifiotis (2016), compreendendo que os mundos online e offline estão profundamente entrelaçados nas experiências migratórias contemporâneas. O YouTube é aqui tomado como campo empírico privilegiado, não apenas por sua capilaridade global e acessibilidade técnica, mas porque opera como espaço híbrido de informação, expressão subjetiva, negociação identitária e articulação comunitária. Funciona, simultaneamente, como arquivo, palco e arena pública, sendo particularmente relevante para a mediação da experiência migratória em contextos transnacionais.

Essa perspectiva se alinha à proposta de “campos sociais transnacionais”, formulada por Glick Schiller, Basch e Blanc-Szanton (1992), em que o YouTube emerge como espaço de manutenção e circulação de redes sociais que atravessam fronteiras nacionais. Os conteúdos publicados por migrantes brasileiros frequentemente abordam desde aspectos práticos da vida no exterior até dilemas emocionais e políticos (Torres, 2025), compondo um fluxo comunicacional transfronteiriço que mobiliza afetos, saberes e conhecimentos entre sujeitos dispersos geograficamente. A audiência, composta por brasileiros tanto no Brasil quanto em outras localidades da diáspora, atua de forma ativa nesse processo, por meio de comentários, relatos pessoais, perguntas e trocas de experiências, constituindo, assim, uma comunidade digital transnacional.

A escolha pelo YouTube também se justifica por seu impacto massivo: trata-se da terceira plataforma mais acessada do mundo, com mais de um bilhão de usuários mensais que assistem coletivamente a mais de seis bilhões de horas de vídeo por mês (Bradshaw & Garrahan, 2008). Estima-se que mais de 100 horas de novos vídeos sejam carregadas a cada minuto. Seu público majoritário, jovens entre 18 e 34 anos, coincide com a faixa etária predominante entre os migrantes brasileiros no Reino Unido (Perri, 2015), o que reforça sua relevância como ambiente central de produção de sentido para essa população.

Além disso, o YouTube apresenta versões localizadas em mais de 20 países e está plenamente integrado aos dispositivos móveis (Bradshaw & Garrahan, 2008), o que o torna

acessível mesmo em contextos de precariedade tecnológica. O funcionamento do Programa de Parcerias da plataforma, que permite a monetização de conteúdos, também introduz um componente estratégico e econômico às narrativas migratórias. Como destacam Kotler & Armstrong (2013), a lógica da visibilidade digital passa a ser atravessada por interesses de rentabilidade, tensionando os limites entre autenticidade, performance e capital.

A partir desse marco, a pesquisa será estruturada em três etapas metodológicas principais. A primeira corresponde ao mapeamento e categorização de canais do YouTube voltados à migração brasileira para a Inglaterra, guiado por palavras-chave como “morar em Londres”, “vida de imigrante UK”, “mudança para Inglaterra” e “vida após Brexit”. Serão priorizados canais que abordem experiências pessoais, rotinas de adaptação e conteúdos informativos voltados à orientação migratória. Os canais serão organizados em três faixas de engajamento: baixo (até 10 mil inscritos), médio (entre 10 mil e 50 mil) e alto (acima de 50 mil). Essa classificação permitirá a comparação entre diferentes estilos de produção, temáticas abordadas e níveis de impacto sobre as audiências.

Paralelamente, os comentários dos usuários serão analisados como narrativas colaborativas, que revelam formas de solidariedade, disputas simbólicas e negociações identitárias. A coleta de dados seguirá princípios éticos, preservando o anonimato dos participantes, exceto no caso de perfis públicos. A segunda etapa envolve a realização de entrevistas semi-estruturadas com produtores e consumidores de conteúdo, visando explorar suas motivações, percepções de pertencimento e estratégias de visibilidade. Esse material será articulado à terceira etapa: um trabalho de campo presencial em Londres, previsto para ocorrer em fase intermediária da pesquisa, com o objetivo de compreender como as práticas digitais se articulam às experiências migratórias no cotidiano urbano.

Embora o foco inicial da pesquisa esteja no YouTube, outras plataformas, como Instagram, TikTok, Facebook e WhatsApp, poderão ser incorporadas de forma flexível, conforme as trajetórias dos interlocutores e os dados que emergirem ao longo do campo. O campo empírico, portanto, será guiado pelos próprios movimentos e práticas dos imigrantes, em consonância com uma etnografia sensível, adaptativa e responsiva às dinâmicas contemporâneas de comunicação digital.

A análise dos dados será orientada pelos princípios da análise de conteúdo temática (Bardin, 2011) e da descrição densa (Geertz, 1989), com foco na interpretação dos sentidos atribuídos pelos sujeitos às suas práticas, trajetórias e performances identitárias. Serão mobilizados conceitos como o de “migrante conectado” (Diminescu, 2008), “sociedade em rede” (Castells, 2006) e “ciborgue pós-moderno” (Haraway, 2009) para refletir sobre as formas

de agência, controle e subjetivação que atravessam a presença digital dos imigrantes brasileiros.

Por fim, incorpora-se à análise a contribuição de Arjun Appadurai (2001), para quem a imaginação constitui um campo socialmente organizado de práticas. Em tempos de mediação digital e migração em massa, sujeitos e imagens circulam simultaneamente, criando esferas públicas diaspóricas e mundos possíveis mediados por tecnologias. Dessa forma, a análise não se limitará ao conteúdo dos vídeos, mas buscará compreender como o “trabalho da imaginação” se materializa nas plataformas, contribuindo para a produção de subjetividades migrantes e para a reconstrução simbólica de pertencimentos transnacionais.

FORMAS DE ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise dos resultados será guiada por uma abordagem etnográfica ampliada, que integra dimensões online e offline da experiência migratória. Inspirada na etnografia digital (Segata & Rifiotis, 2016) e na descrição densa (Geertz, 1989), busca-se compreender como migrantes constroem sentidos a partir de práticas comunicacionais, redes de apoio e performances identitárias, tanto em plataformas digitais quanto nas interações presenciais observadas em campo. Os conteúdos do YouTube, vídeos, títulos, descrições e comentários, serão tratados como documentos etnográficos e narrativas multimodais. A análise qualitativa, ancorada na antropologia dos documentos (Giumbelli, 2002; Castro, 2008) e nos estudos de mídia e representação (Ginsburg et al., 2002; Clifford, 2008; Mignolo, 1993), abrangerá aspectos verbais e não verbais: gestos, enquadramentos, silêncios, estética e formatos, revelando camadas simbólicas, afetivas e visuais.

As entrevistas com migrantes influenciadores e usuários serão tratadas como eventos sociais performativos (Collins, 1998), entendidos como metanarrativas sobre a experiência migratória e a atuação nas plataformas. Serão analisados posicionamentos, estratégias de visibilidade e graus de reflexividade, buscando compreender como constroem pertencimentos e reconhecimento midiático transnacional. A análise privilegiará o ponto de vista dos sujeitos, considerando práticas como formação de redes, visibilidade, orientação entre pares e experiências de exposição, em contextos atravessados por marcadores de gênero, classe, raça e legalidade. Seguindo a flexibilidade etnográfica, outras plataformas digitais, como Instagram, TikTok, Facebook e WhatsApp, poderão ser incorporadas, conforme sua relevância, com base na noção de polímídia (Miller et al., 2019), que concebe os ambientes digitais como ecossistemas interdependentes.

Um eixo central será a tensão entre autonomia, visibilidade e controle. A pesquisa examinará como algoritmos moldam conteúdos, dinâmicas de (in)visibilidade e mecanismos de vigilância, buscando entender como os migrantes negociam presença digital entre expressão, resistência e vulnerabilidade. Essa leitura será informada pela perspectiva de etnografia conectada (Hine, 2000; 2015), que considera o digital como ambiente denso, relacional e performativo. Será mobilizada também a noção de imaginação como prática social (Appadurai, 2001) para analisar como migrantes projetam futuros, narram conquistas e desafios e constroem pertencimentos nas plataformas. Os vídeos e comentários serão lidos como expressões de um regime coletivo de imaginação, onde se produzem saberes, pedagogias informais e disputas por reconhecimento simbólico e afetivo.

Por fim, a análise será orientada pelo conceito de transnacionalismo (Glick Schiller, Basch & Blanc-Szanton, 1992), reconhecendo os vínculos simultâneos dos migrantes com múltiplos contextos nacionais. As práticas comunicativas observadas serão compreendidas como parte de redes transnacionais que desestabilizam fronteiras e articulam rotas, raízes e territorialidades conectadas. A leitura empírica buscará evidenciar essa multiplicidade de pertencimentos e a constante negociação entre visibilidade e vulnerabilidade, entre reconhecimento e controle.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APPADURAI, Arjun. *Dimensões culturais da globalização*. Tradução de Suzana Incani. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- ASSIS, Gláucia Oliveira. *De Gonzaga para Londres: etnicidade e preconceito na história de Jean Charles de Menezes*. Confluenze, Bolonha, v. 3, n. 1, p. 174–187, 2011. Dipartimento di Lingue e Letterature Straniere Moderne, Università di Bologna. ISSN 2036-0967.
- BATARCE, Ana Paula Archanjo. *Imigração brasileira para o Reino Unido: o trabalho das mulheres em Londres e os processos de identificação/diferenciação*. 2016. 301 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2016.
- BRADSHAW, T.; GARRAHAN, M. Rival forecast to catch YouTube. Financial Times, (2008).
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006. (Trilogia A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura; v. 1).
- CASTRO, C. *Pesquisando em arquivos*. Editora Schwarcz- Companhia das Letras, 2008.
- CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: _____. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

COLLINS, Randall. *The sociology of philosophies: a global theory of intellectual change*. Cambridge: Belknap Press, 1998.

DA EMPOLI, Giuliano. *Os engenheiros do caos: como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo usados para envenenar a política mundial*. São Paulo: Vestígio, 2019.

DIAS, Gustavo Tentoni. *O processo de fixação do migrante brasileiro em Londres: a importância das práticas cotidianas na elaboração de sua identidade*. Ponto Urbe, n. 4, 2009. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1427>.

DIMINESCU, Dana. O migrante conectado: uma figura de contemporaneidade. *Plural*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 29–45, 2008.

EVANS, Y. et al. Por uma vida melhor: brasileiras e brasileiros em Londres (2010). Reino Unido: Grupo de Estudos sobre Brasileiros em Londres - GEB, março de 2011.

EVANS, Y. Brasileiros em Londres: um perfil socioeconômico. *Travessia - Revista do Migrante*, São Paulo, n. 66, p. 9-20, jan/ 2010.

FRANGELLA, Simone. *O Made in Brasil em Londres: migração e os bens culturais*. *Travessia – Revista do Migrante*, São Paulo, n. 66, p. 33–44, jan./jun. 2010.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GINSBURG, Faye; ABU-LUGHOD, Lila; LOFFREDO, Brian (Org.). *Media worlds: anthropology on new terrain*. Berkeley: University of California Press, 2002.

GIUMBELLI, Emerson. A presença do documento: reflexões sobre usos de textos na prática antropológica. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 71–95, 2002.

GLICK SCHILLER, Nina; BASCH, Linda; BLANC-SZANTON, Cristina. *Transnationalism: A new analytic framework for understanding migration*. *Annals of the New York Academy of Sciences*, v. 645, n. 1, p. 1–24, 1992.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HARAWAY, Donna. *Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX*. In: HARAWAY, Donna. *Manifesto ciborgue e outros ensaios*. São Paulo: Editora Ubu, 2017. (Publicado originalmente em 1985).

HINE, Christine. *Virtual Ethnography*. London: SAGE Publications, 2000.

HINE, Christine. *Ethnography for the Internet: Embedded, embodied and everyday*. London: Bloomsbury Academic, 2015.

KAMINSKI, Leon. *London, London: exílios londrinos e a repressão à contracultura no Brasil*. *Tempo Niterói*, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, e310104, 2025. DOI: 10.1590/tem-1980-542x2024v310104. Disponível em: SciELO (PDF).

KOTLER, Philip; ARMSTRONG, Gary. *Princípios de marketing*. 15. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2013.

MARTINS JR, Angelo. *Negociando diferenças culturais e de gênero essencializadas em um mundo global: brasileiros em Londres*. *Século XXI – Revista de Ciências Sociais*, Santa Maria, v. 9, n. 1, p.

159–194, jan./jun. 2019. DOI: <https://doi.org/10.5902/2236672536812>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/seculoxxi/article/view/36812>.

MARTINS JUNIOR, Angelo. *Moving Difference: Brazilians in London*. Nova York: Routledge, 2020. ISBN: 978-0-367-37652-9 (hbk) ISBN: 978-0-429-35543-1 (ebk)

MARTINS JUNIOR, Angelo; DIAS, Gustavo. Imigração brasileira contemporânea: discursos e práticas de imigrantes brasileiros em Londres. *Análise Social*, Lisboa, v. 48, n. 209, p. 810-832, 2013. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/23612490>.

MIGNOLO, Walter. Colonial and postcolonial discourse: cultural critique or academic colonialism? *Latin American Research Review*, v. 28, n. 3, p. 120–134, 1993.

MILLER, Daniel et al. *How the world changed social media*. Londres: UCL Press, 2019.

NIELSEN. The Cross-Platform Report Q1 2012: Adapting to Screens, Internet and Traditional TV. Nielsen, 2012. Disponível em: <https://www.nielsen.com>. Acesso em: [data de acesso].

PERRIN, Andrew. Social media usage: 2005–2015. *Pew Research Center*, 2015. Disponível em: <https://www.pewresearch.org>. Acesso em: 30/06/2026.

SALES, T. *Brasileiros longe de casa*. São Paulo: Cortez, 1999.

SANTOS, Fernanda Marsaro dos. ANÁLISE DE CONTEÚDO: A VISÃO DE LAURENCE BARDIN. *Revista Eletrônica de Educação, [S. l.]*, v. 6, n. 1, p. 383–387, 2012. DOI: 10.14244/%19827199291. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/291>. Acesso em: 20 jun. 2025.

SCHENSUL, Stephen L.; SCHENSUL, Jean J.; LeCOMPTE, Margaret D. *Essential ethnographic methods: observations, interviews, and questionnaires*. Walnut Creek: AltaMira Press, 1999.

SEGATA, Jean; RIFIOTIS, Theo (Org.). *Etnografia digital: perspectivas latino-americanas*. Porto Alegre: Sulina, 2016.

SILVA, A. V., ARAUJO P., F. D., & ASSIS, G. d. O. (2025) Narrativas conectadas: explorando a migração brasileira indocumentada on-line e off-line. *Anuario Electronico de Estudios en Comunicaion Social “Disertaciones”* 18 (1). <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/disertaciones/a.14137>

TORRES, Letícia. *Migração e redes digitais: Narrativas e apoio entre brasileiros em Londres* [TCC, Universidade Federal de São Carlos]. 2025. <https://repositorio.ufscar.br/bitstreams/c363cf1d-2c2d-404a-8c93-e2480b5ae8eb/download>

TORRESAN, Angela. Ser brasileiro em Londres. *Travessia*, São Paulo, Centro de Estudos Migratórios, ano VIII, n. 21, p. 35–38, set./dez. 1995.